

A CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA¹

GOMES, Almir Anacleto de Araujo

almir.ufcg@gmail.com

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

TEOTÔNIO, Leóric Fernandes

leoricfernandes@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO

O desenvolvimento das pesquisas em linguística se destacou durante o século XX. Tanto na perspectiva dos estudos fonológicos como na perspectiva dos estudos em variação linguística ou dos estudos em aquisição de língua estrangeira também a partir da década 1960. Uma convergência das teorias desenvolvidas nessas três áreas de estudos dentro da Linguística é importante para compreender o fenômeno de aquisição de língua estrangeira. Este trabalho é parte de um estudo que buscou descrever e analisar o processo variável de inserção da vogal [ɪ] epentética em palavras iniciadas por cluster em posição inicial na língua inglesa por aprendizes brasileiros, do estado da Paraíba, de inglês como língua dita estrangeira, tendo como base pesquisas realizadas a respeito desse fenômeno como: Escartín (2005) com aprendizes hispânicos de inglês como LDE e fenômenos semelhantes Cardoso (2004, 2008, 2009) e discutir como este tipo de conhecimento pode contribuir para o ensino e aprendizagem de língua estrangeira. Dentre as variáveis estudadas, discutiremos a consciência fonológica dos aprendizes e o seu papel na não/inserção da vogal epentética. Os resultados alcançados contribuirão não só para entender como ocorre a aprendizagem de inglês como LDE por aprendizes brasileiros, mas promove também implicações pedagógicas para o ensino de inglês como língua dita estrangeira.

Palavras-chave: Epêntese Vocálica. Variação Linguística. Interlíngua. Aprendizagem de Língua Estrangeira.

¹ Trabalho desenvolvido durante o mestrado em linguística sob a orientação do Professor Dr. Rubens Marques de Lucena, no Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba.

INTRODUÇÃO

No século XX, o desenvolvimento das pesquisas em linguística foi muito importante, seja na perspectiva dos estudos fonológicos, nos estudos em variação linguística ou nos estudos em Aquisição de Língua Estrangeira, que também passaram a se desenvolver a partir da década 60.

Uma convergência das teorias desenvolvidas nessas três áreas de estudos dentro da Linguística é importante para se compreender o fenômeno de aprendizagem de língua dita estrangeira, doravante, LDE. Adiante consta uma discussão a respeito dos termos utilizados na área de aprendizagem de LDE bem como o posicionamento adotado para este trabalho.

Assim, esta pesquisa surge com o intuito de colaborar para o campo de estudos que integra a variação linguística e a aprendizagem de LDE no Brasil. Para tanto apresentamos a seguir uma discussão em torno das bases teóricas que norteiam esse trabalho, ou seja, em torno da Sociolinguística Variacionista e da aprendizagem de língua estrangeira.

1. SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

A princípio se faz necessário compreender um pouco o campo da Sociolinguística e da aprendizagem de línguas para que possa ser estabelecido um elo entre esses dois campos de investigação, uma vez que este estudo tem como base dois campos distintos de estudos da linguagem: a aprendizagem de língua estrangeira e a Sociolinguística Variacionista como modelo metodológico.

Fragozo (2011), como base em Figueroa (1994), questiona o surgimento da sociolinguística, já que, segundo tais pesquisadores, os estudos que tratam da relação entre uma variedade linguística e sociedade já existiam há muito tempo, mas, de

acordo com Fragozo (2011), apenas na década de 1950 o termo sociolinguística é usado por Harver Currie em um artigo de sua autoria intitulado “*A projection of sociolinguistics: the relationship of speech and the social status*”², o qual foi republicado em 1971.

Ainda segundo Fragozo (2011), uma outra corrente afirma que a Sociolinguística tem início nos anos 1960, embasada pela antropologia e a dialetologia, sendo uma forma de reagir aos estudos do formalismo linguístico.

De acordo com Coulmas (1998), a sociolinguística trata-se então de uma disciplina cuja principal preocupação é estudar a correlação entre o uso de uma variedade linguística e a estrutura social da qual o falante faz parte. Assim, a sociolinguística busca descrever a variedade linguística em uso como um fenômeno social, estabelecendo, quando possível, relações causais entre uso da variedade e estrutura social, ou seja, buscando compreender como a variedade linguística contribui para a manutenção da comunidade e como a comunidade modifica a sua variedade linguística.

Sabe-se que William Labov (1972) desenvolve uma abordagem teórico-metodológica que tem como ponto principal a relação da variedade linguística com a sociedade em reação, primeiramente à teoria de Saussure, que dicotomizava a sincronia da diacronia, à ideia de que não seria possível observar as mudanças sonoras diretamente, e por outro lado, em oposição também aos estudos gerativistas, que, também como sabe-se, concebiam a língua dissociada da sociedade.

A abordagem gerativa discorria sobre falante ou ouvinte ideal, argumentando que não é possível estudar a fala por ser caótica e não permitir sistematização, apesar de Weinreich, Labov & Herzog (1968) afirmarem que Saussure, ao estabelecer os estudos sincrônicos, já sabia da impossibilidade de abordar a mudança linguística.

Com isso, a diferença entre a Linguística Estruturalista e a Sociolinguística está no objeto, já que, para a primeira, a fala não atinge o significado das palavras, enquanto que, para a última, o objeto de estudo é a fala cotidiana, além de considerar,

² “Uma projeção da Sociolinguística: a relação entre o discurso e a posição social” (tradução nossa).

conforme afirma Carboni (2008, p. 87), que “a agramaticalidade e a variação da estrutura linguística não devem ser colocadas fora do sistema, como fazem os estruturalistas e os gerativistas”.

A Sociolinguística Laboviana ou Sociolinguística Variacionista surge então com o objetivo de analisar a variação ou mudança linguística no contexto de fala, isto é, nas expressões linguísticas do dia-a-dia. Ao contrário de Saussure e Chomsky, Labov argumenta em torno da heterogeneidade da língua, isto é, entende a língua como caótica, afirmando, no entanto, que há uma sistematização desses “caos” aparente (COAN & FREITAG, 2010).

Como afirma Naro (2012, p. 15), “a heterogeneidade, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras” ou como afirmam Weinreich, Labov & Herzog (2006, p. 35), “[...] a língua como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada.” Assim, a Sociolinguística procura compreender o sistema subjacente às variáveis linguísticas (BAYLEY, 2005). A sociolinguística se propõe, então, a fazer a correlação das variáveis linguísticas detectadas em uma comunidade com fatores sociais que podem, de alguma forma, favorecer o aparecimento de certas formas em detrimento de outras. Ainda, segundo Weinreich, Labov & Herzog (2006), não seria concebível uma homogeneidade numa língua que serve a uma comunidade real que é, em sua natureza, complexa.

Dessa forma, a variação é entendida pela sociolinguística como um princípio geral e universal, que pode ser descrito e analisado de forma científica. Com isso, a variação é o objeto de estudo principal da sociolinguística, partindo-se do pressuposto de que o uso de uma variante ou outra está ligado a fatores estruturais e sociais, que favorecem ou inibem tais usos (MOLLICA, 2012).

Os termos variantes, conforme Mollica (2012, p. 10), são entendidos como “as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente”. Da mesma forma, Fernández (1998) afirma que se costuma tratar as variedades como um conjunto de elementos ou padrões linguísticos associados a fatores externos como contexto situacional, profissional, social ou

regional e que esse termo, com uma carga conotativa de maior neutralidade, evita o uso de outros termos carregados de valores conotativos complexos como língua e dialeto.

Assim, dentro da Sociolinguística, uma das áreas chave é a perspectiva variacionista (BAYLEY, 2005). A sociolinguística variacionista propõe explicação do caos linguístico, através da sistematização da variação, que é entendida como duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa (TARALLO, 2007). Cada uma dessas formas alternativas, que formam o fenômeno variável, é uma variante. Assim também afirma Calvet (2002, p. 103) que há uma variável linguística “quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística ou social” dentro de uma comunidade de fala. Ao conceber que o aprendente brasileiro de ILE enuncia a palavra *space* como /speis/ ou como /ispeis/, entende-se essas realizações como uma variação linguística, duas alternativas produzidas por tais aprendentes. Dessa forma, o objeto de análise da sociolinguística é a língua falada, isto é, a língua usada para a comunicação do dia a dia em situações autênticas de uso. Assim, a Sociolinguística Variacionista procura o entendimento do sistema subjacente às variantes linguísticas, com foco especial para as variantes estigmatizadas (BAYLEY & LUCAS, 2007).

As variáveis podem ser dependentes ou independentes. As variáveis dependentes são as alternativas observáveis na produção dos indivíduos. As variáveis independentes podem ser fatores de ordem interna ou externa que favorecem ou inibem o aparecimento de determinada variante dependente. No entanto, não se deve entender que uma variável sozinha é responsável pelo uso de determinada variante, mas que tanto as variáveis linguísticas quanto as não linguísticas funcionam de forma conjunta no favorecimento ou não de uma variante (MOLLICA, 2012 p. 27).

Dessa forma, o falante não escolhe uma variante ou outra aleatoriamente, mas os fatores linguísticos ou extralinguísticos são responsáveis por essa escolha. Como cada variável está inserida em um contexto social e linguístico, e como não é possível

que o pesquisador isole cada fator para testar o seu papel no uso da variante, a análise dos fatores que favorecem ou não a variação deve ser multivariada (GUY, 2007 p. 50).

Alguns dos primeiros estudos da Sociolinguística referem-se às línguas em contato tratam da situação onde duas ou mais línguas são usadas pelo mesmo falante:

Como resultado de la convivencia de dos o más lenguas en un mismo espacio social, como resultado de la convivencia de dos o más variedades de una misma lengua o como resultado de la convivencia de lenguas y/o variedades de una misma lengua.³ (Informação Verbal)⁴

O contato entre línguas pode provocar interferências fônicas, sintáticas ou lexicais. Apesar de o estudo em questão ter como foco dados de aprendentes brasileiros de língua inglesa, residentes no Brasil, ou seja, a língua em aprendizado não faz parte do dia-a-dia desses aprendentes, no sentido de uso utilitário, de uma comunicação ativa, pode-se considerar que há uma situação de contato, pelo fato de que a LDM desses aprendentes apresenta uma estrutura diferente, no aspecto analisado da língua alvo, que pode provocar tais interferências no aprendizado da LDE.

De acordo com Carvalho (2010), a grande contribuição da sociolinguística variacionista para a teoria linguística é a concepção de que a variação é inerente à linguagem humana, ou seja, não há um comportamento linguístico categórico ou uma gramática invariável. Ainda segundo Carvalho (2010, p. 52), “a análise variacionista usualmente revela que a variação não é aleatória, mas sistemática”.

Esta pesquisa procura, assim, entender, descrever e explicar a possível sistematicidade existente entre os fatores que provocam o aparecimento da variação na produção de clusters /s + som consonantal/ pelos informantes brasileiros, do estado da Paraíba, aprendentes de LDE, pois, como afirmam Paiva & Duarte (2006, p.

³ “Como resultado da coexistência de duas ou mais línguas no mesmo espaço social, como resultado da coexistência de duas ou mais variedades da mesma língua, ou como resultado da coexistência de línguas e ou variedades de uma mesma línguas”.

⁴ Speranza, A. Seminário contacto de lenguas, (Tradução nossa), em Universidade Federal da Paraíba, maio de 2012.

136), “não basta, no entanto, reconhecer a variação. É necessário explicá-la, identificar os fatores que a controlam e inseri-la dentro de um modelo de linguagem”.

Paralelamente e convergindo para os estudos variacionistas, surgem os estudos em SLA, que procuram compreender como se dá o processo de aquisição de L2. De acordo com Bayley (2007), pode-se considerar que essas duas áreas de investigação surgem com um interesse em comum, que é compreender o sistema subjacente da variedade linguística, ou seja, a sociolinguística procura entender o sistema subjacente à variação linguística, e os estudos em Aquisição de Segunda Língua, o sistema subjacente da interlíngua do aprendente de L2.

Dentro dos estudos de aprendizagem de SLA, surgem as investigações a respeito da interlíngua, definido por Selinker (1972) como um sistema aproximado contendo regras da língua alvo e da L1 do aprendente, mas que não pode ser explicado apenas por essas regras. Dessa forma, busca-se na Teoria da Variação Laboviana explicar a variação na interlíngua de aprendentes de L2 também.

Por outro lado, um dos equívocos das pesquisas variacionistas com foco na língua do aprendente de L2, segundo Bayley (2005), é explicar a variação encontrada na língua de um aprendente com apenas um fator de influência, já que as pesquisas sob abordagem variacionistas partem do princípio que “A variação da interlíngua, como a variação em qualquer língua, é susceptível de estar sujeita à influência não só de uma, mas de múltiplas influências contextuais⁵”(tradução nossa) (BAYLEY, 2005 p.135), isto é, o pesquisador não deve buscar qual o único fator responsável pela variação produzida pelo aprendente de L2, mas qual é o peso relativo dos diferentes fatores responsáveis por essa variação (BAYLEY, 2005).

A Sociolinguística contribui não só para a descrição e explicação de fenômenos linguísticos, mas oferece também contribuições para outras áreas de estudos como o ensino de línguas materna e estrangeira. Segundo Cezário & Votre (2010 p. 153):

⁵ “*Interlanguage variation, like variation in any language, is likely to be subject to the influence of not one but multiple contextual influences*”. (BAYLEY, 2005 p.135)

No que se refere ao ensino de línguas estrangeiras, as pesquisas acerca da variação podem contribuir para fornecer material para que as aulas sejam baseadas na forma como realmente os nativos falam, na preparação de material com diversos tipos de registros com as suas variações linguísticas típicas, na escolha do dialeto a ser ensinado, dentre outros elementos.

Dessa forma, entender como funciona a interlíngua dos aprendentes brasileiros de inglês como LDE analisados neste estudo pode influenciar na forma como os professores de inglês como LDE observam o aprendizado da língua alvo de seus aprendentes.

São apresentadas por Bayley (2005) três principais vantagens da confluência da Sociolinguística para que se compreendam fenômenos de aprendizagem de LDE: primeiro, a sociolinguística variacionista oferece meios para entender possíveis transferências de LDM na produção em LDE através de análises de diversos fatores que possam influenciar o surgimento das variáveis, levando à conclusão se determinada variável é uma transferência da LDM do aprendente ou é condicionada por outro fator. Outra vantagem da sociolinguística, segundo (Bayley, 2005), é a descrição mais próxima do sistema linguístico da LDE do que a descrição da gramática normativa, já que a teoria laboviana trata da língua extraída diretamente da comunidade de fala. Um terceiro fator positivo é que a teoria variacionista consegue entender o processo de aquisição de uma LDE, possibilitando a escolha de diferentes métodos para ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Além disso, a teoria pode auxiliar na aquisição de competência sociolinguística, no sentido de estilo de comunicação por aprendentes de uma LDE.

De acordo com Dickerson (1975, *apud* FRAGOZO, 2011), estender o modelo de análise sociolinguístico da LDM para a interlíngua de LDE permite verificar se há uma sistematicidade na produção do aprendente possibilitando verificar quais variáveis influenciam ou inibem a produção da variante selecionada. Apesar da afluência da teoria variacionista com a teoria de aquisição de L2, poucos estudos haviam utilizado as duas teorias complementarmente até a década de 1970, como afirma (BAYLEY,

2005), que, só a partir de então, estudos em SLA começaram a se desenvolver tendo como aporte a teoria variacionista.

Uma das grandes contribuições da Sociolinguística, entre tantas outras, é, segundo Calvet (2002, p. 18-19), fazer compreender que, apesar de a língua ter sido, “desde a sua origem, o instrumento de poder”, isso não é uma prerrogativa para determinada variante ser de maior ou menor prestígio.

Segundo Martinez (2009), a variação das línguas é regra, ou seja, toda língua é variável. Dessa forma, “para podermos nos comunicar em uma língua estrangeira e para aprendê-la, não podemos nos limitar à estrita descrição do sistema linguístico” (MARTINEZ, 2009 p. 19).

Escartín (2005) investiga a produção da epêntese vocálica [e] na produção de aprendentes de inglês como LDE por falantes nativos de Espanhol no ambiente de sala de aula. A pesquisa leva em conta fatores linguísticos, a exemplo de contexto fonológico precedente, perfil sonoro dos componentes dos clusters, e fatores extralinguísticos como nível de formalidade e proficiência dos aprendentes como fatores possíveis de favorecer a produção da vogal epentética.

Os dados obtidos por Escartín (2005) foram tratados através do GoldVarb 2001, um programa utilizado para tratamento de dados estatísticos, e analisados segundo a Teoria da Otimidade, combinando ferramentas metodológicas de três disciplinas diferentes: a Sociolinguística, a Aquisição de L2 e a Fonologia.

Quanto aos fatores linguísticos, os resultados do estudo mencionado anteriormente demonstram que contexto precedente se comporta de maneira semelhante, quanto à produção da epêntese vocálica, seja uma pausa ou uma consoante precedente; já o contexto de vogal precedente facilita a produção da epêntese por aprendentes hispânicos de inglês como LDE. Além disso, a produção de clusters sC formados de s + consoante obstruinte são mais difíceis de ser adquiridos. Em relação aos fatores extralinguísticos, o estudo corroborou outros estudos em Aquisição de LDE, demonstrando que, conforme o nível de proficiência do aprendente se eleva, a frequência de produção da vogal epentética decresce.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao unir a Sociolinguística Variacionista aos estudos em aprendizagem de línguas, pode-se ter uma contribuição importante para que se possa compreender a aprendizagem de línguas e assim, ter-se uma clareza maior em relação ao ensino de LDE.

Como pode ser verificado na discussão aqui levantada, a Sociolinguística Variacionista, juntamente com os estudos de aprendizagem de língua e mais especificamente de aprendizagem de LDE podem contribuir, dentre outras questões, para o entendimento do processo de variação na interlíngua do aprendente de inglês como LDE, colaborando, assim, para o processo de ensino e aprendizagem e para a didática de LDE.

Ainda assim, considera-se que essa pesquisa possa trazer uma contribuição para os estudos que integram os campos da variação linguística e a aquisição de L2 no Brasil, bem como possa levar a uma reflexão pedagógica no ensino de língua estrangeira, não só nos cursos de Licenciatura Plena em Letras com habilitação em língua inglesa, ou nos cursos livres das escolas de línguas, mas também, nos professores responsáveis pela educação básica deste país.

REFERÊNCIAS

- BAYLEY, R. **Second language acquisition and sociolinguistic variation**. Intercultural Communication Studies XIV. 2, 2007.
- BAYLEY, R; LUCAS, C. **Sociolinguistic variation: Theories, Methods, and Applications**. Cambridge University Press. 2007.
- BAYLEY, R. & TARONE, E. Variationist perspectives. In _____. S. Gass and A. Mackey (eds.), **Handbook of second language acquisition** (p. 41-56). New York: Routledge, 2012.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, W. **The variable acquisition of English word-final stops by Brazilian Portuguese speakers.** Proceedings of the 7th Generative Approach to Second Language Acquisition Conference (GASLA, 2004) Somerville, MA. Cascadilla Proceedings Project, 2004.

_____, W. The variable development of English word-final stops by Brazilian Portuguese speakers: A stochastic optimality theoretic account. **Language variation and change**, v.19, p. 1-30, 2007.

_____, W. **The Development of sC Onset Clusters in interlanguage: markedness vs. frequency effects.** Proceedings of the 9th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2007), ed. Roumyana Slabakova et al., 15-29. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. 2008.

_____, W. Word-final stops in Brazilian Portuguese English: acquisition and pronunciation instruction. **Ilha do desterro**, Florianópolis n. 55, p. 153-172 jul./dez. 2008.

CARDOSO, W., JOHN, P. & FRENCH, L. **The variable perception of /s/ + coronal onset clusters in Brazilian Portuguese English.** In: _____. M. Watkins, A. Rauber, and B. Baptista, eds. p. 203-231. Cambridge Scholars Publishing, 2009.

CARVALHO, A. M. **Contribuições da sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Paraguai.** Pro-posições, Campinas, v. 21, n. 3, Dez 2010.

COAN, M. & FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Revista eletrônica de linguística**, v.4, n. 2, 2010.

COULMAS, F. (ed). **The handbook of sociolinguistics.** Blackwell Publishing, 1998.

ESCARTÍN, C. I. **The development of sC onset clusters in Spanish English.** Tese – Concordia University, Canadá, 2005.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory.** Nova Iorque: Elsevier Science, 1994.

FRAGOZO, C. S. Cultura e sociolinguística no ensino e na aprendizagem de língua estrangeira. Fólio – **Revista de Letras Vitória da Conquista**, v. 3, n. 1 p. 151-167 jan./jun. 2011.

GUY, G. & ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise.** São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno; M^a Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____. BRAGA, M. L.; MOLICA, M. C. M. (Org.). **Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação.** 1. ed. São Paulo: Contexto. p. 9-13, 2012.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: _____. MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, p. 15-25, 2003.

PAIVA, M. C. A.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa de sociolinguística brasileira. In: _____. WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. (Ed.).

Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. Trad. por Marcos Bagno. São Paulo: Ed. Parábola, 2006. p. 131-149.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Estado da Educação. Dep. Pedagógico: **Referenciais curriculares do estado do Rio Grande do sul: Linguagens Códigos e suas Tecnologias/** SEE. Porto Alegre: SE/DP, 2009.

SELINKER, L. **Rediscovering interlanguage.** New York: Longman, 1972.

SPERANZA, A. **Seminário contacto de lenguas.** UFPB, Maio 2012.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** Ed. Ática. São Paulo, 2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.** São Paulo: Parábola, 2006.